

O CANCIONEIRO DO NORTE [1]



O *Folke-lore* brazileiro, por cuja elaboração tanto se esforçam Sylvio Romero e Mello Moraes Filho, é incontestavelmente um precioso contingente para a historia da litteratura nacional. Os cantos e os contos de origem popular, revellando a fonte inspiradora das tres raças em cruzamento, não só fallam ao coração pela reminiscencia de lendas e tradições que se extinguem, como são um attestado vivo da força intellectiva de cada uma d'aquellas raças, a fundir-se no mestiço diante dessa natureza explendidamente victoriosa. Alem dessas circumstancias de ordem ethnologica, nota-se que a poesia e o conto, genuinamente populares, perpetuam com a singeleza e sinceridade do povo a chronica de todas as gerações; assim, vemos as *chacaras* e *romances* portuguezes, celebrando durante 500 annos o arrojo de seus navegantes á saudosa melopéa peninsular da *Nau Catharineta;* o africano, de *marimbáo* ao umbigo, entoando a monotona canção dos desertos d'Africa; o indio relembrado hoje em dias de carnaval, a attestar o furor mavorcio de tabas hostis. (2)

(1) Excerpto do prefacio da obra a ser publicada por occasião do tri-centenario do Ceará.

(2) Allusão ao tradicional folguedo popular *Os caboclinhos* muito uzado em Pernambuco e Parahyba.

Filho desta região nortista, onde o senso de liberdade e o amor da patria foram sempre o apanagio do brazileiro, desde as luctas dos Tabajaras nas fraldas da Ibiapaba, das victorias de Cabedelo e Tabocas, á Confederação do Equador; acostumado neste meio, a ouvir a tristeza do africano nostalgico nos cannaviaes da Parahyba, e a alegria arrojada do jangadeiro cearense; achei de colligir tambem cabedal para esse precioso thesouro--o *Folke-lore* nacional.

Não darei no CANCIONEIRO DO NORTE uma obra completa, mas é intenção minha, a proporção que fôr obtendo novas producções, ir ampliando-o, refundindo-o, de forma que depois de certo tempo a poesia popular do norte, ainda não enfeixada em volume, fique n'uma obra immorredora, não attestando meritos de um colleccionador, mas o valor proprio dessa poesia, fragmentos d'alma de tres gerações predispostas ás contemplações divinas da arte.

* * *

N'este periodo de formação do typo brazileiro, cuja feição definitiva ainda é um problema, acho que o trabalho de selecção que se exige para as investigações do *Folke-lore* é todo negativo.

Como affirmar ser o canto A de origem européa; a canção B indiana; a chula D africana; si o meio em que se cultivão taes producções é o resultado de um manifesto hybridismo ethnologico?

Objectar-se-ha que pelas investigações sobre as origens; mas é um perder tempo tal investigação; porque a trova portugueza que vaga perdida no Brazil nada mais tem da origem senão a indole; identificou-se, esbateu-se, confundiu-se no amalgama da linguagem commum. A lenda tupy, por sua vez, corre mystificada, inteiramente adulterada pelo costume, absorvida, adaptada ao meio, á geração succedanea. O elemento africano ainda é mais tenue e mais vago.

Não justifico Sylvio Romero quando affirma a origem de cada conto ou canto de suas collecções.

Das tres raças ha apenas a reminiscencia, estampada no typo, nas acções, nos costumes, do brazileiro actual. Assim, encontraremos a cada passo no conto de origem americana, segundo Sylvio, reis, fadas, giboias e encantamentos, o que desvirtua o caracteristico exclusivo que se empresta. A verdade é esta: as xacaras portuguezas veem entremeiadas de expressões indigenas e de onomatopéas africanas.

Difficil é, portanto, um criterioso trabalho de selecção; por que as quadras, decimas, lendas e costumes nacionaes, são, por sua vez, saturadas de ideias e expressões portuguezas.

«O-lê-lê, vira moenda,
O-lê-lê, moenda virou;
Quem não tem uma camisa,
P'ra que quer um *palitó*...
Bebe o caixeiro na venda,
O patrão no *Varadô*» (1)

Ora, ahi temos um specimen de hybridismo, a pedir dos competentes uma decomposição que caracterise a indole do verso.

O proprio Sylvio Romero, na Historia da Litteratura Brazileira, pags. 93 em diante, 1.º vol., cita diversos exemplos de poesia entremeiada de versos portuguezes, africanos e americanos.

Ainda um exemplo, d'entre os muitos que conheço.

Trata-se de um conto:

«Foi um dia um velho; tinha tres filhas, que fugiram de casa e perderam-se em veredas differentes, sahindo uma na estrada grande. Veio um passaro e disse á moça que tomasse cuidado, que por alli havia uns gigantes

---

(1) Chula dos negros dos engenhos da Parahyba do Norte.

perigosos. De facto, apparecem uns gigantes que pegam as moças. O passaro havia prevenido a moça que não bebesse de uma bebida que o gigante offereceria; pois tal bebida faria adormecer; mas as duas moças mais velhas beberam, emquanto a mais moça derramou no chão a bebida. Estavam todas na camarinha, quando o gigante chega por fóra forçando a porta para comel-as; nisto, a mais moça das tres irmãs canta a seguinte trova, que afugenta o gigante:

«Que ku, cama-cama
Que ku, catolé...
O Zarizê
Kum Zariquê...
Casal que me coma,
Casal que me deixou
O chirimbê cum biá.

Quando eu vim da minha enganga
Que ganga man-gá...
Cachori—choli—cholê...
O cum manga, cum mangueira,
Pois Manuê cum Manué.»

O gigante fugiu, e as moças fugiram, andaram, andaram, e o gigante as perseguia, até que ellas, achando um pé de páo muito alto, subiram, subiram, que ficaram do tamanho de um mucuim. Veio o gigante de tres olhos e não as enxergou; veio o de dous olhos, não as enxergou; veio o de um olho só, e viu no olho do páo uma fumacinha. Então o gigante tocou a botar o páo a baixo com um grande machado. As moças cantavam aquella cantiga «*Que ku cama-cama*», a que o gigante respondia tambem cantando em voz muito grossa:

«O sariguê, cum zarizê,
Páo... páo... páo... páo...»

Repetindo sempre este canto, até que veio o passaro no olho do páo e a mais moça das tres irmãs disse-lhe: «leve primeiro a minho irmã mais velha»—Depois o passaro levou a segunda, e por fim levou a terceira, desencantando-se n'm principe, seguindo-se o casamento da mais moça com elle.» (1)

Eis um exemplo frisante da confusão dos tres elementos: o conto é de origem portugueza, modificado pela concepção do selvagem e do africano, a cujas linguas são devidas as singulares estrophes.

A meu ver, cuidando-se da elaboração do *Folke-lore*, pouco importa destacar cada elemento de per si; é preferivel, por cada verso ou por cada conto, estudar o meio e o momento da creação, e tirar dessa investigação um resultado mais proveitoso que o saber se a procedencia é portugueza, africana ou indigena: qual a condição de nossa civilisação, quaes os elementos preponderantes para o aperfeiçoamento; qual o estadio mental das duas raças selvagens, e a sua evolução em contacto com a portugueza.

Pela concepção de um conto, pela harmonia de uma trova, muito se induzirá da evolução intellectual de qualquer povo em estado de formação.

*
* *

Quem conhecer esta zona comprehendida entre a foz do S. Francisco e a do Parnahyba, todo o explendor tropical desta natureza, as praias, os brejos, os engenhos, as cidades, os sertões, os costumes, as festas, as lendas, preferirá, como eu prefiro, concatenar as producções de um livro de canções populares, mais pelo assumpto que se prende a cada zona, do que ao elemento ethnico.

Estudemos, pois, o meio physico, a sua influencia sobre o meio moral; fallemos tambem das multiplas mo-

---

(1) Este conto foi colhido em *Missão Velha*, Ceará.

dalidades por que o espirito do nortista se revella nas suas crendices e folgares; e depois desse scenario, offereçamos ao povo o resultado de sua propria vocação artistica, fructo dessa espontaneidade anonyma, caracteristica do espirito meridional do brazileiro.

* * *

Uma modalidade original, pela qual podemos estudar o nortista, são os folgares de natureza popular.

Partindo da vida praiana, veremos o jangadeiro, queimado do sol, bronzeado, de musculatura possante, em trages domingueiros: calças de algodão alvejantes, camisa anilada, chapéo de carnahuba, feliz e espansivo, a contar as ultimas proezas da pesca. Um refere historias de almas do outro mundo em pleno mar: «*alli nos baixios onde virou a jangada do tio Fuão,* etc., etc.» Outros tagarelam sobre as moçoilas do logar; e quasi todos, emfim, á sombra das *çaiçaras* (1) *batem no pinho* (2) cada um por sua vez, entoando cantigas repassadas de uma doce ternura, n'um rhythmo de onda em balanço:

«Minha jangada de véla,
Que vento queres levar?
De dia, vento de terra,
De noite, vento do mar.»

Nesta singela quadra o immortal Juvenal Galeno enfeixou todo o sentir do praiano do norte, dragão humano que brinca com o furor das vagas, seja impedindo o trafego escravo no Ceará, seja na faina da pescaria.

Nas costas do Rio Grande do Norte e Parahyba (especialmente n'aquelle Estado) é raro encontrar um

---

(1) Palhoças.
(2) Tocar viola.

rapaz do povo que não saiba tocar viola ou harmonico; e nos povoados o classico violão e a modinha fazem parte da fina educação.

Deixemos o litoral, seguindo os vales do *Ceará-Mirim*, *Curimataú*, *Camaratuba*, *Mamanguape*, *Miriry*, *Parahyba*, e dos rios de Pernambuco e Alagôas, por toda essa zona fecunda de cannaviaes verdoengos, encontraremos os casarões silenciosos, os engenhos de assucar de fogo morto, ou quasi a se extinguirem, pelo desapparecimento do braço escravo, senzalas mudas, onde outr'ora a raça negra pagára o pezado tributo de ter nascido negra. Alli o elemento africano cantava a sua infeliz nostalgia, pelas noites de luar, nos dias sanctificados, ao toque dos *tabaques* (1) e *puitas* (2).

A cantoria é monotona e monotono é o toque—*o batuque*—, cujo rythmo condiz com o requebro e tregeitos das diversas danças. Os negros, em promiscuidade de sexo, conservam-se em roda dos tocadores, e de quando em vez sai um par de mãos dadas como a desconjunctarem todas as articulações da espinha dorsal, inclinando-se para traz :

Vamos quebrar giráo...
O... lê...,

repetem sempre este estribilho, cantando até que a dança acaba.

Esta é uma das mais exquisitas partes da coreographia africana, entre nós.

Na dança *cambindas* os dançadores levão todo o tempo acocorados n'um movimento de sapo que obedece á musica.

(1) E' um meio tambor, feito de um barrilzinho com uma das boccas coberta por um couro bem esticado. E' o instrumento cantante.

(2) A *puita* é feita da mesma forma, accrescido de um certo apparelho, que, tocado, faz o acompanhamento.

Em outra parte deste prefacio já fallei da cantilena:

«O lê-lê, vira moenda
O lê-lê, moenda virou.»

que é entoada ao som de palmas. E' outra especie de dança, em que o descendente africano já confunde os primitivos cantos com os do aborigene, referindo-se á sua labuta quotidiana e ás condições do meio. (E' uma especie de *côco*, dança de embingadas a que tambem se chama *Piauhy*).

Estas rudes diversões estão quasi extinctas, e dellas reproduzem-se reminiscencias nos dias de carnaval: em Pernambuco os celebres *maracatús*.

A Republica, ou o capricho de certos vigarios, concorreu para que uma significativa tradição desapparecesse com o antigo regimen: erão os *reis negros* coroados no dia de Reis, 6 de Janeiro.

Nas freguezias da roça ainda ha bem poucos annos viam-se o *rei* e a *rainha*, seguidos de um cortejo de *condes* e *condessas*, que depois da missa recebiam do padre celebrante a consagração dos *direitos reaes*.

E pela rua afóra seguiam em procissão, acompanhados de uma xaranga ou de zabumba e gaita, tomando a serio aquella sagração, um tanto ridicula, mas digna de acatamento pela convicção com que era praticada.

Aos folgares da raça negra alliam-se as superstições, e as *mandingas* e feitiçarias são um complemento d'aquelles folgares; assim é que *fazer meza* ou *beber jurema* é uma verdadeira funcção de alegria. Dá-se, entretanto, presentemente uma verdadeira confusão de costumes entre o negro e o caboclo na pratica do feitiço. Todos commungam um mesmo systema; reunidos, sobre uma esteira, sob o effeito capitoso de beberagens aguardentadas, tocam maracás feitos com caroços de mulungú, entoando phrases cabalisticas, e fazendo mesuras, depois transformam a cerimonia em dança. Homens e mulheres estão convencidos que, ao poder d'aquellas cerimonias, o

corpo está fechado a todos os males, que os corações dos amantes ingratos abrem-se a ternuras felizes.

Rosarios, sapos de bocca cosida, bonecos, bichos de diversas qualidades engrudados em cera de abelha, ornamentados de fragmentos de bolacha, são os enfeites da *meza*.

Quereis, leitora ingenua, que vossa inimiga enlouqueça, definhe e morra? Consegui uns fios de cabello seus e guardai-os dentro de uma casa de cupim. Ou, melhor, apanhai-lhe a areia de seu rasto, ou um pouco da seu sangue, e tudo guardai na bocca de um *curúrú*, cosendo-a, e lançai o nojento amphibio á lagôa. São estas as armas poderosas do africano ingenuo, alliado á boçalidade do caboclo, no tocante a essa parte do occultismo. Entretanto, quem dispõe de tão propicios elementos para a conquista de corações e exercer vinganças cai inerme, como o diabo ante a cruz, ao contacto de um galho de pinhão de purga; o feiticeiro é inimigo acerrimo dessa pobre euphorbeacea. Uma surra de *pinhão* é um verdadeiro exorcismo nos couros de um *mandingueiro*.

*
* *

Pelas cidades a mesmas espansibilidade do nortista: são as crianças que se agrupam pelas calçadas, n'um regosijo feliz, entoando cantilenas ternas, repassadas de uma dolencia saudosa :

«Senhora D. Archanja,
Coberta de ouro e prata,
Descubra o seu rosto,
Que eu quero ver-lhe a cara.»

E' uma cadenciada melopéa com um sainete hespanhol ou portuguez.

Pelas noutes de luar, são os tradicionaes trovadores de esquina, as serenatas, o violão, instrumento talhado

para transmittir ás Julietas as declarações de amor dos Romeus do norte.

Nas *pontas de ruas*, vai animado o *xinfrim*, o *forrobódó* (1), a proposito de tudo uma festa de *arrasta-pés*, regadas a *aluá*, no Ceará, á *meladinha* ou *cachimbo*, na Parahyba e Pernambuco. (2)

O carnaval, alem das criticas picantes, allusivas á vida aldeiã, ensceña pelas ruas as diversões mais originaes: os *côcos*, *maracatús*, *marujos* (fandangos ou náu Catharineta), *bumba-meu-boi* (boi suruby, no Ceará). D'entre esses folgares typicos, convem destacar *os caboclinhos*, restos de diversão indigena: Deseseis ou vinte figuras com o rosto pintado a açafrão, ostentando trages de cores expressivas, com enfeites de espelhinhos e pennachos á cabeça, empunham arcos com flechas, que são manejados ao som de um tambor e de uma gaita. Simulam um combate, como de tribus inimigas; e em plena lucta surge o rei, de capa e espada, cortejado por dous culumins, na giria do folguedo os *perós-mingús*.

Entre as alas dos contendores, arrasta a espada, pronuncia uma catadupa de RR arrogantes, falla do seu *alfange*, e do seu *cutelo*, diz uma lôa em lingua bunda, e acalmam-se as hostes aguerridas.

Acolyta tudo isto o typo do bôbo — o *matroá*—, sarcasmo atirado á lendaria boçalidade e estultice do caboclo.

Ainda hoje é muito commum nas cidades e villas da Parahyba este brinquedo, no Ceará apenas imitado pelos *caboclos*, oito figuras, trajadas mais ou menos burlescamente, de capacete emplumado á cabeça, e a dançarem uma especie de quadrilha, ou contradança nas casas para onde são convidados.

---

(1) Bailos da canalha.

(2) *Aluá*, beberagem de milho fermentado. *Meladinha* ou *cachimbo*, aguardente com mel de abelha.

Pela quaresma é o *serra-velho*: um grupo de vadios conduz barricas, serrotes e chucalhos, e ás horas mortas estaciona á porta dos velhos mais rabugentos e jarretas e improvisam versos picarescos, n'uma algazarra infernal, com exclamações, chôros fingidos e tantas outras graçolas, supinamente aggressivas para quem já desce os ultimos barrancos da encosta da vida.

Os judas do sabbado da Aleluia são outro motivo ás expansões do rapazio.

Arborisam-se ruas com as bananeiras dos quintaes alheios, enforca-se o Iscariotes n'uma avenida improvisada da meia-nonte para o dia, e a nota de escandalo é o testamento, em cujas disposições de ultima vontade figuram pessoas cavaquistas.

E' costume muito vulgar o furto dos *judas*, delicto que as vezes degenera em *pancadaria grossa*. E por fallar em furto, vem a pello consignar tambem, como um costume autorisado não sei em que tradição, o furto da *panellada* no dia de Anuo-Bom.

Os nossos matutos teem n'aquella manobra de astucia fecundo motivo de pagodeira e galhofa. Farejão á noute inteira a cosinha do parente ou amigo até que possão agadanhar a panella em que se cóse a gorda mão de vacca; effectuada a escamoteação, convidam o dono espoliado para vir participar do almoço, que é seguido invariavelmente do decantado samba de viola e botijão.

O mez de Maio, ou melhor o mez mariano, abre uma estação de preces e alegrias populares, principalmente nas cidades, villas e povoados do interior.

A este respeito poderá o leitor consultar o que deixei escripto no meu «Poema de Maio», edição deste anno.

No matto, como chamamos vulgarmente a roça, as *novenas* de Maio teem uma significação particular, uma feição rudemente innocente: o matuto que tem o seu oratorio (sanctuario) improvisa um altar de cobertas de ganga encarnada, e sobre uma meza rude colloca botelhas enfeitadas de papel, que servem de castiçal. Converge para assistirem ás novenas a visinhança em pezo; e as flores

dos campos, as boninas, as maravilhas entretecidas em ponteiras de pindoba, fingindo capellas, os bogaris e as mangeronas, tudo concorre para dar um tom de innocencia e simplicidade áquelle preito a sempterna Virgem das virgens.

No terreiro são os fachos de páo d'arco, o cruzeiro de bananeira cravejado de luminarias, o mastro com a bandeira de mandapolão.

Nas ultimas noites o foguete, os tocadores, uma musica um tanto infernal, mas caracteristica, e ao mesmo tempo harmoniosa. E' a mais perfeita reminiscencia dos costumes indigenas no tocante á arte da harmonia: um zabumba, um tambor, uma gaita e um pifaro de taboca.

Não esqueçamos o leilão da ultima noute: um arco de folhas de palmeiras está no centro do terreiro carregado de fructas, garrafas de mel da abelha uruçú, ao pé os pirús e toda a geração de gallinaceos, por sobre uma meza prendas de varias naturezas, revellando a rudeza de quem perdeu seu tempo com a factura de taes artefactos. Assoma então o pregoeiro, altivo, a improvisar eloquencia e *vérve*, e a feira em honra do sancto vai pezar nas algibeiras dos circumstantes; e os objectos transformam-se quasi sempre em offrendas dos noivos bisonhos pelos costumes, mas ardentes pelos impetos do sangue.

Vem o S. João, é a festa das superstições, são as lendas transplantadas pelo portuguez, adaptadas em campo adequado: o espirito apoucado e phantasioso do indigena. O milho verde, assado nas fogueiras, a cangica, as advinhações presagiosas do futuro... eis tudo. Na encruzilhada, ao dar meia noute, o diabo apparecerá, precedido de ventanias e pavores; feliz de quem apertar-lhe a mão estabelecendo um pacto para ser venturoso na conquista de mulheres, para ser cantador, tocador de viola, jogador, etc. A arruda florescerá n'aquella noute de agouros: estendei um panno bem alvejante debaixo della, que o Anjo das Trevas não tarda vir colher as sementes: si conseguirdes segurar na mão cabelluda de Satan, a fortuna

vos sorrirá. O alho, plantado n'aquella noute medra, enraiza horas depois. A clara do ôvo derramada dentro de um copo d'agua revellará se tereis de viajar por longes terras.

Ao accender-se a fogueira, esconde-se a moçoila bregeira por detraz da porta com a bôcca cheia d'agua, o primeiro nome proprio de homem que ouvir áquella hora será o do seu futuro noivo.

Dão-se os *baptisados de tição* tambem ao accender da fogueira; e, cumulo de auto-suggestão, os roceiros passam mais tarde, lentamente, medindo os passos, de pés descalços, sobre o brazeiro intenso da mesma fogueira, invariavelmente de páo d'arco ou angico. «Viva Senhor S. João», estas palavras, repassadas de verdadeiro fetichismo, anesthesiam-lhe as plantas, de si revestidas de verdadeira couraça pelo habito de andarem descalços.

A ultima revellação dessa mysteriosa noute é ao mirar-se alguem, pelo alvorecer, nas aguas da fonte: si a matrona, o centro de gravitação de todos os affectos do lar, não vira o rosto, nitido como em fino espelho, ennubla-lhe o coração uma sombra de apprehensões pavorosas, e o chôro, a duvida acabrunhadora, são a ultima nota dessa lendaria e encantadora noutada de brincos santamente ingenuos, que passam sempre... sempre... enchendo de risos os que teem a quadra da vida em sonhos, e de saudades os que encanecem pelas desillusões. (1)

RODRIGUES DE CARVALHO.

Ceará—1901.

---

(1) Vide o «Poema de Maio» sobre a noute de S. João.